



TORNAR-SE MULHER OU SER BELA, RECATADA E DO LAR? Uma análise discursiva

Iago Emmanuel Henrique FALEIROS
Lorena Mayara FORNEL
Viviane Rezende CARDOSO
Ana Lúcia Furquim CAMPOS-TOSCANO

Resumo: A avaliação do ENEM tem a proposta de avaliar os estudantes do Ensino Médio e, no ano de 2015, na prova de Ciências Humanas e suas Tecnologias, uma das questões era sobre a filósofa Simone de Beauvoir, que dedicou seus estudos a respeito da imagem da mulher na sociedade. Contudo, a pergunta foi questionada por alguns por ser considerada uma forma de doutrinação e comemorada por outros como uma valorização da figura feminina. No ano seguinte, o artigo intitulado “Bela, recatada e do lar”, publicado pela revista *Veja* sobre a vice-primeira dama Marcela Temer, também gerou grande polêmica, tendo em vista que postulou que a mulher, ao contrário das ideias feministas, deve seguir determinados padrões, como ser bela, recatada e do lar, para então ser considerada respeitável pelos padrões sociais. Diante disso, várias pessoas, principalmente no meio virtual, revidaram e contestaram, com tom crítico e humorístico, a postura machista da revista por meio de enunciados verbais e visuais, a fim de mostrarem que esses ideais já não são tão valorizados como a revista postulou. O objetivo desta pesquisa, portanto, é traçar um panorama da identidade feminina construída pela mídia a partir das polêmicas desencadeadas pela prova do ENEM, em 2015, sobre Simone de Beauvoir e pelo artigo da Revista *Veja* sobre Marcela Temer. Para tanto, buscamos responder às seguintes questões: como é a construção da identidade feminina feita pela mídia e pelos comentários dos internautas? Como são feitas as escolhas verbo-visuais desses enunciados? Quais os valores sociais e ideologias veiculadas? Há um confronto discursivo entre as ideias femininas e conservadoras? O referencial teórico-metodológico deste trabalho, portanto, são os estudos do Círculo de Bakhtin acerca dos conceitos de gêneros do discurso, dialogismo, ideologia e enunciado concreto, assim como seus comentadores como Brait (2005), Discini (2010), Faraco (2003) e (2013), Fiorin (2006), Machado (2005), Marchezan (2006) e Miotello (2005). Para a discussão sobre o percurso histórico da mulher na sociedade, utilizamos os postulados de Alves (2003), Confortin (2003), Pires (2003), Orsini (2003) e Sgarbieri (2003). Verificamos, enfim, que a mulher sempre buscou ser vista com igualdade na sociedade, contudo discursos que veiculam ideologias machistas e patriarcais ainda são contemplados no meio midiático. Os embates ideológicos nos mostram que hoje, diferente do passado, há maneiras de se posicionar por meio de uma diversidade de enunciados a fim de valorizar e romper com ideias estereotipadas.

Palavras-chave: Gêneros do discurso. Ideologia. Simone de Beauvoir no ENEM. Dialogismo. Enunciado concreto. Mídia.

Abstract: The ENEM test has the proposal to evaluate high school students and in 2015, in the Human Sciences and Technology tests, one of the questions was about the philosopher Simone de Beauvoir, who dedicated her studies on the image of the women in society. However, it was questioned by some because it was considered a form of indoctrination and celebrated by others as a valuation of the female figure. The following year, the article titled "Beautiful, maidenlike and housewife," published by *Veja* magazine about the first lady, Marcela Temer, also generated a great controversy in view of which postulated that the woman, contrary to the feminist ideas, must follow certain standards, such as being beautiful, maidenlike, and housewife, to be considered as respecting social standards. On this, several people, mainly virtually, responded and contested by a critical and humorously way the male chauvinist posture of the magazine through verbal and visual statements, in order to show that these ideals are no longer as valued as the magazine postulated. The objective of this research, therefore, is to draw a panorama of the feminine identity built by the media from the controversies triggered by the ENEM test in 2015 about Simone de Beauvoir and the *Veja* magazine's article about Marcela Temer. To this end, we seek to answer the following questions: how is the construction of the feminine identity made by the media and by the Internet users' comments? How are the verbal-visual choices made of these statements? What are the social values and ideologies conveyed? Is there a discursive confrontation between feminine and conservative ideas? The theoretical-methodological reference of this work, therefore, is the Bakhtin Circle studies on the concepts of discourse genres, dialogism, ideology and concrete utterance, as well as its commentators such as Braini (2005), Discini (2010), Faraco (2003) and (2013), Fiorin (2006), Machado (2005), Marchezan (2006) and Miotello (2005). For the discussion of the history of women in society, we use the postulates of Alves (2003), Confortin (2003), Pires (2003), Orsini (2003) and Sgarbieri (2003). Finally, we have verified that women have always sought to be seen with equality in society, yet discourses that convey male chauvinist and patriarchal ideologies are still contemplated in the media. The ideological clashes show us that today, unlike the past, there are ways to position ourselves through a diversity of statements in order to value and break with stereotyped ideas.

Key words: Discourse genres. Ideology. Simone de Beauvoir at ENEM. Dialogism. Concrete statement. Media.

1 Introdução

Desde tempos remotos, a mulher tem sido desvalorizada e desrespeitada pela cultura que permeia a sociedade. Cultura esta, patriarcal e machista, colocando o homem em posição superior à mulher que, por isso, não tinha voz até então. Atualmente, a mulher luta para combater ideologias que a excluem e a colocam numa posição de submissão e inferioridade.

A mulher, sob uma visão machista, deve seguir padrões impostos pelos valores morais, sendo obrigação dela casar-se e ser submissa ao marido, cuidando dos afazeres de casa e dos filhos. Nas escolas, no século XIX, as mulheres eram orientadas a serem “moças bem comportadas” para serem valorizadas pela sociedade. Além disso, até mesmo na política, não podiam ter direito ao voto, revelando a concepção de que não eram aptas a tomar decisões.

Desde a década de 60, as mulheres têm alcançado grandes vitórias na busca para serem vistas na sociedade como cidadãs com os mesmos direitos que os homens e para romperem com estereótipos com os quais eram condicionadas a viver.

Atualmente, o chamado feminismo, corrente de pensamentos que exaltam as mulheres e combatem abusos físicos, morais e ideológicos, tem veiculado e disseminado suas ideologias de libertação às imposições feitas na sociedade e lutado para que as mulheres superem as visões machistas e patriarcais que permeiam a comunidade.

No ano de 2015, a avaliação do ENEM contemplou uma questão sobre o feminismo, a partir de um enunciado de Simone de Beauvoir, filósofa que dedicou seus estudos às questões da mulher. A pergunta na avaliação gerou polêmica devido à afirmação de Beauvoir de que a mulher não nasce mulher, mas torna-se. Parte da sociedade, que comunga com ideais conservadores, alegou ser uma doutrinação na avaliação em relação à questão de gênero.

Entretanto, a proposta de Beauvoir é de que a mulher deve adquirir sua própria personalidade, independentemente da imposição social, ou seja, sem que seja impulsionada a cumprir com os estereótipos. Os grupos feministas, ao contrário de uma posição conservadora, apoiaram a iniciativa dos organizadores da prova em apresentar uma questão sobre a luta feminista, mostrando, assim, a importância do tema na atual conjuntura.

A Revista *Veja*, por sua vez, considerada uma revista de grande circulação e de tradição no Brasil, no ano de 2016, publicou uma edição especial no mês de abril, para articular sobre todo o processo de *impeachment* da até então presidente Dilma Rousseff. Na edição, foi veiculado um artigo intitulado “Bela,

recatada e do lar”, cujo conteúdo temático era sobre a esposa do então vice-presidente Michel Temer, Marcela Temer.

O artigo apresenta a rotina da esposa do vice-presidente, sua vida pessoal com o marido, seus cuidados diários com sua beleza e com o filho. Contudo, muito mais que apresentar a rotina da futura primeira-dama, o artigo veicula ideologias e valores sociais ditos conservadores que enaltecem a visão de mulher submissa e ligada aos afazeres de casa, ao tratar Marcela como bela, recatada e do lar.

A publicação gerou repercussão nas redes sociais, pois o público expressou suas discordâncias com o posicionamento da revista em relação à postura que a mulher deve seguir para ser valorizada. Diversas imagens e textos utilizando o título “Bela, recatada e do lar” foram disseminados, a fim de combater os estereótipos postulados pela revista.

Assim, por essa breve exposição, chegamos a alguns questionamentos que problematizaram nosso trabalho: como é a construção da identidade da figura feminina feita pela mídia e pelos comentários dos internautas? Como são feitas as escolhas linguísticas e não-verbais para a caracterização feminina? Quais as ideologias e valores sociais veiculados? Quais as diferentes posições encontradas nesses discursos? Há um confronto entre o discurso feminista e o discurso conservador?

Nessa perspectiva, o objetivo deste trabalho é traçar um panorama da identidade feminina por meio das polêmicas do ENEM sobre a questão do ENEM, a partir de um enunciado de Simone de Beauvoir e, pelo artigo da Revista *Veja* sobre Marcela Temer.

Para isso, o referencial teórico-metodológico deste trabalho são os estudos do Círculo de Bakhtin acerca dos conceitos de gêneros do discurso, dialogismo, ideologia e enunciado concreto, assim como seus comentadores como Brait (2005), Discini (2010), Faraco (2003) e (2013), Fiorin (2006), Machado (2005), Marchezan (2006) e Miotello (2005).

Ademais, para a discussão sobre o percurso histórico da mulher na sociedade utilizamos os postulados de Alves (2003), Confortin (2003), Pires (2003), Orsini (2003) e Sgarbieri (2003).

Este trabalho está dividido em quatro partes conforme explicitamos a seguir.

Primeiramente, discutimos as reflexões do Círculo de Bakhtin em relação aos gêneros do discurso, ideologia, estilo e dialogismo, tendo em vista que, em cada esfera de atividade humana, fazemos uso de determinados gêneros para atender às suas finalidades a partir da construção dos enunciados concretos que, por sua vez, estão atrelados ao contexto que remete a ideologias e valores sociais.

Em seguida, discutimos sobre as visões e as perspectivas da sociedade sobre a mulher ao longo do tempo. Assim, analisamos as questões de valores e ideologias postulados pela sociedade, a fim de compreendermos a trajetória, a postura e o caráter que a mulher teve de seguir, desde o passado até os tempos atuais.

Na quarta parte, apresentamos a questão do ENEM que veiculou um trecho da obra de Simone de Beauvoir, a qual resume que a mulher não deve ser construída socialmente, mas sim por suas próprias convicções e valores. Dessa maneira, analisamos os embates ideológicos entre os ideais conservadores e os feministas para, então, compreendermos a concepção da sociedade em relação à mulher.

Por fim, trazemos o artigo “Bela, recatada e do lar”, publicado pela revista *Veja*, em abril de 2016, por meio do qual se retrata a vida da até então vice-primeira-dama Marcela Temer. No artigo, é possível verificar a concepção machista e conservadora da revista ao enunciar que a postura de Marcela Temer pode ser considerada de respeito e, desse modo, um modelo a ser seguido. Diante disso, apresentamos os discursos, em resposta ao artigo, publicados nas redes sociais por leitores e internautas criticando a postura da revista de vangloriar uma visão que inferioriza a mulher.

2 Gêneros do discurso: enunciado concreto e dialogismo

Nas diversas esferas de atividades humanas nos deparamos com o uso da linguagem e, para cada contexto, a realizamos de forma diferente para que a

finalidade seja alcançada. Nos estudos linguísticos, Mikhail Bakhtin¹ chamou de gêneros do discurso, constituídos de enunciados concretos que veiculam ideologias e valores sociais por meio do estilo, temática e estrutura composicional.

Sendo assim, no contexto de uso da língua, para que se cumpram as finalidades propostas, há diversos gêneros para atender às variadas esferas. Com isso, não fazemos uso de orações soltas, mas sim de enunciados que carregam também as individualidades do sujeito a partir do destinatário e da finalidade que o gênero busca atingir, ou seja, o seu caráter intencional em uma situação comunicativa.

Os gêneros se dividem em primários e secundários, sendo os primários (simples) voltados a situações de uso da língua imediata, como conversas, cartas e discursos em que há uma menor complexidade, diferente dos gêneros secundários (complexos), compostos por enunciados mais organizados e complexos como romances e artigos científicos.

Os campos de atividades humanas exigem gêneros múltiplos e vão variar de acordo com as necessidades de cada esfera, portanto, são heterogêneos, podem se alterar e fazer uso de diferentes gêneros. A esfera publicitária, por exemplo, busca convencer o sujeito participante do discurso fazendo uso de um enunciado concebido pela escolha de recursos verbo-visuais, ou seja, o estilo. Enfim, como há uma finalidade a se cumprir, o estilo é empregado no enunciado de acordo com as necessidades de alcançar seu destinatário.

O enunciado é único, irrepetível e relativamente estável, pois adquire ideologias e axiologias de acordo com o contexto em que está inserido, portanto, conforme a vida evolui, a língua acompanha essa evolução e adquire novos sentidos. Um mesmo enunciado dito séculos atrás apresenta novos sentidos na atualidade, pois está diretamente ligado ao contexto.

Diante disso, Bakhtin (2003, p.261) define que:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela

¹ O círculo de Mikhail Bakhtin é composto por estudiosos como Voloshinov, Mediédev, e o próprio Bakhtin, entre outros.

TORNAR-SE MULHER OU SER BELA, RECATADA E DO LAR? Uma análise discursiva

seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional.

O enunciado concreto traz consigo a informação que se dirige a alguém e é suscitada por algo, tem uma finalidade, liga-se ao contexto em que está inserido, às ideologias que permeiam o contexto e a esfera em que ele se realiza, para que, assim, o participante da comunicação suscite o que Bakhtin chamou de atitude responsiva ativa.

A atitude responsiva ativa de um enunciado está ligada à compreensão, reflexão, contestação, resposta do destinatário do discurso e a posição que ele realiza no ato da comunicação. O discurso, nessa ambiência, se produz também por meio dos enunciados de outros sujeitos, assim, seu limite está na alternância destes no discurso, ou seja, no ato da comunicação o enunciado do “eu” torna-se enunciado do outro na sua atitude responsiva, seja ela imediata ou posterior. Além disso, no discurso, é necessário que haja o conhecimento prévio dos sujeitos participantes, para que o enunciado cumpra com suas finalidades e os sujeitos participem ativamente da comunicação.

O enunciado, em sua possibilidade de resposta, compreende três elementos: 1) o esgotamento do objeto e do sentido, 2) a intenção discursiva e 3) as formas composicionais de gênero do acabamento. No enunciado, o esgotamento do objeto e do sentido estão ligados ao tema selecionado pelo sujeito e sua necessidade de suscitar uma resposta de seu destinatário, que está ligado à intenção discursiva, pois o tema se esgota a partir do objetivo do indivíduo de alcançar o outro. Por fim, as formas composicionais, condicionadas à esfera integrante dos sujeitos, é que vão delimitar o gênero utilizado, logo “a intenção discursiva do falante, com toda sua individualidade e subjetividade, é em seguida aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em uma determinada forma de gênero” (BAKHTIN, 2003, p. 282).

A constituição do enunciado está também nas escolhas linguísticas, na formação dos enunciados, contudo, difere-se da oração, pois não faz uso de apenas palavras justapostas como abstração gramatical. No enunciado, temos palavras que, juntas, constroem sentidos, ou seja, discursos com finalidades comunicativas, e assim “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a

realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 2003, p.265).

As palavras no enunciado vão além do seu aspecto neutro da língua, são dialógicas e ideológicas e, portanto, são escolhidas a partir da esfera em que o enunciado está inserido e segundo as especificações do gênero, pelo estilo do sujeito participante, pela temática abrangida e pelos enunciados do outro. Como Bakhtin (2002, p.293) afirma:

As palavras da língua não são de ninguém, mas ao mesmo tempo nós as ouvimos apenas em determinadas enunciações individuais, nós as lemos em determinadas obras individuais, e aí as palavras já não têm expressão apenas típica porém expressão individual externada com maior ou menor nitidez (em função do gênero), determinada pelo contexto singularmente individual do enunciado.

A situação extraverbal, ou seja, o contexto em que o enunciado se materializa, nos estudos bakhtinianos é o principal elemento, pois é a partir dele que os sentidos vão se construir e a língua vai efetuar seu papel comunicativo. De acordo com Voloshinov e Bakhtin [s.d.], o enunciado compreende duas partes no seu sentido: a parte realizada nas palavras e a parte presumida pelos sujeitos participantes em determinada situação extraverbal.

Ainda, o contexto é que altera os sentidos e usos do enunciado que se constrói a partir de outros enunciados inseridos em uma formação social de presente, passado e futuro. Em uma formação presente, o enunciado apresenta outros que estão em circulação, em uma formação passada está ligado ao que é tradicional inserido na atualidade e, como futuro, temos os enunciados que tratam de objetivos e utopias para o mundo atual.

Sobre o enunciado, há a atuação de forças centrípetas, que centralizam o enunciado a um plurilinguismo da realidade, e forças centrífugas que atuam como descentralizadoras, ou seja, tem-se um enunciado que propõe uma ideia, um sentido que é considerado “mais aceito”, mas há também outras concepções que divergem dessa ideia “mais aceita”. Assim, a força centrípeta, que é a desconstrução dessa considerada “única verdade aceita”, atua sobre a enunciação, propondo uma ideia que descentraliza esse único sentido.

Dessa forma, Bakhtin afirma que o enunciado e seus discursos estão ligados ao poder em diversas esferas comunicativas, principalmente no âmbito

TORNAR-SE MULHER OU SER BELA, RECATADA E DO LAR? Uma análise discursiva

político, por exemplo, mas também na vida cotidiana do sujeito, nas ideologias e axiologias que permeiam o contexto em que está inserido. Fiorin (2006, p.31), nessa perspectiva, comenta:

Não há neutralidade no jogo das vozes. Ao contrário, ele tem uma dimensão política, uma vez que as vozes não circulam fora do exercício do poder: não se diz o que quer, quando se quer, como se quer. Não se trata apenas da atuação do campo tradicional da política, ou seja, a esfera do Estado; estão em causa todas as relações de poder, desde as do dia-a-dia até aquelas do exercício do poder do Estado.

Ligado ao sujeito, o enunciado carrega individualidades que são expressas em seus discursos. Contudo, podemos nos indagar sobre isto tendo em vista que antes de ser individual, um enunciado é social, pois carrega a individualidade não só do “eu” sujeito da comunicação, mas do “outro” ou até mesmo do “eu” mais um grupo social, que são constituídos por ideologias, axiologias e valores sociais e pela composição dos enunciados.

Dessa maneira, chegamos ao conceito de dialogismo, postulado por Bakhtin, isto é, os enunciados são construídos a partir do diálogo entre discursos, enunciados já proferidos e vivenciados pelo indivíduo participante do discurso. Sobre o dialogismo, Marchezan (2006, p.123), na esteira dos estudos bakhtinianos, afirma:

A palavra diálogo, ao contrário, é bem entendida, no contexto bakhtiniano, como reação do eu ao outro, como “reação da palavra à palavra de outrem”, como ponto de tensão entre o eu e o outro, entre círculos de valores, entre forças sociais. A essa perspectiva, interessa não a palavra passiva e solitária, mas a palavra na atuação complexa e heterogênea dos sujeitos sociais, vinculada a situações, a falas passadas e antecipadas.

O dialogismo é capaz de construir novos enunciados que carregam individualidades e são sociais, dessa maneira, possibilita a formação de uma amplitude de sentidos a partir de uma mesma ideia. Temos, assim, a decorrência do interdiscurso, que carrega os enunciados daquele momento de enunciação e outros já articulados, ou seja, há sempre respostas a outros enunciados.

O diálogo intertextual entre os enunciados é concebido como uma formação discursiva que leva em consideração o contexto inserido, o momento histórico-social, assim como outros enunciados. Tudo isso constitui um novo

enunciado, que possui sua própria identidade, tornando-se único no momento de enunciação e carregando consigo outros discursos, como argumenta Fiorin (1994, p.34) ao afirmar que “sob um texto ou um discurso ressoa outro texto ou outro discurso; sob a voz de um enunciador, a de outro”.

Todo discurso é definido por fatores sociais, históricos e ideológicos. Só é possível compreender um enunciado de forma ampla compreendendo o contexto em que ele está inserido, bem como a ideologia presente nesse discurso.

Bakhtin apresenta também o conceito de polifonia, que são as várias vozes que falam no discurso e que, no entanto, estão em pé de igualdade, uma não se sobressai em relação a outra.

2.1 Ideologia: reflexo e refração da realidade

Na esteira dos estudos bakhtinianos, a ideologia é um dos elementos constituintes do enunciado e do discurso. Dado que os gêneros do discurso estão inseridos em um determinado contexto, temos ideologias, axiologias e valores sociais que permeiam esse contexto e que, assim, marcam, por meio do discurso, o que é recorrente na sociedade.

A ideologia, em Bakhtin, aprofunda as questões que Marx e Engels já haviam apresentado, como em relação à subjetividade da consciências, as infraestruturas e superestruturas², o signo e seu papel na constituição da consciência humana.

A palavra ideologia constitui muitos sentidos e, por vezes, é tida como palavra “maldita”, com valor negativo. Contudo, para o Círculo, a ideologia é tudo que está relacionado às questões superestruturais da vida humana, ou seja, à filosofia, à política, à sociologia, à arte, à ciência. Com isso, os termos infraestrutura e superestruturas são definidos respectivamente como a realidade e as trocas de sentido com a realidade, ou seja, a ideologia que se forma.

Para Bakhtin, a ideologia surge por meio dos signos, pois sem signos não existe ideologia. Um signo é a representação da realidade, temos um objeto

² As infraestruturas estão relacionadas às instituições da sociedade como escola, família, igreja, comércio, entre outros, enquanto as superestruturas estão relacionadas às ideias e pensamentos postulados pelas infraestruturas.

TORNAR-SE MULHER OU SER BELA, RECATADA E DO LAR? Uma análise discursiva

(significante) que traz um significado e a relação de ambos resulta no signo. Mas, além de representar a realidade, é por meio dele que a ideologia se constrói, pois traz outros sentidos além do concreto. Assim nada é neutro, está inserido em um contexto, traz diversos sentidos e, portanto, é carregado de ideologias que permeiam dado momento. Dessa maneira, o signo reflete a realidade, mas também a refrata, pois se tem a interpretação do sujeito participante do discurso. Portanto:

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo (BAKHTIN, 2002, p.31).

A refração configura-se pelas diversas interpretações moduladas pelas vivências e conhecimentos adquiridos no contexto, pois não há apenas uma verdade considerada aceita, mas diversas verdades em detrimento das individualidades de cada um, dentro de um grupo social.

As interpretações da realidade são realizadas por meio de signos, assim como a compreensão, visto que a consciência humana é constituída de signos, como afirma Bakhtin (2002, p.34) “a consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social”.

A ideologia está ligada a valores e conceitos morais construídos na sociedade de acordo com dado contexto sócio-histórico e se firma a partir do que o indivíduo concebe, dessa maneira, é um produto axiológico. É a partir dos signos que se constrói uma ideologia, a refração da realidade vivenciada no contexto sócio-histórico na qual é construída.

Enfim, os enunciados são constituídos de signos ideológicos, pois na enunciação há sempre uma intenção que veicula valores e um contexto sócio-histórico-cultural aliado às finalidades do enunciador, não havendo, dessa maneira, discurso neutro.

Com isso, as mudanças na sociedade de conceitos, ideias e pensamentos alteram as ideologias e axiologias construídas no decorrer do tempo. As refrações são mutáveis, pois são interpretações de indivíduos que estão em constante alteração, conseqüentemente, o enunciado pode manter-se idêntico, mas

nunca será o mesmo diante de outro contexto e de outro sujeito do discurso, carregando novas vivências e individualidades.

2.2 Estilo

Os estudos de Bakhtin apontam para três principais aspectos constituintes dos enunciados concretos: o estilo, a estrutura composicional e a temática. Inseridos em um gênero, constituído por um enunciado relativamente estável, a temática e a estrutura composicional revelam o estilo, pois a partir da temática, o enunciado de acordo com sua estrutura composicional traz um estilo formado por escolhas linguísticas (como recursos fraseológicos, morfológicos e sintáticos) que cumprem as intenções do discurso.

Cada gênero, em determinada esfera, exige estilos diferentes, em função disso, as escolhas linguísticas se alteram para que se cumpra a intenção discursiva pois “onde há estilo há gênero, a passagem do estilo de um gênero para outro não só modifica o tom do estilo nas condições do gênero que não lhe é próprio como destrói ou renova tal gênero” (BAKHTIN, 2002, p.268). Alteramos os níveis de linguagem em formal e informal, por exemplo, para que possamos alcançar nosso destinatário e para que haja a comunicação. Dessa maneira, o contexto e o destinatário são fundamentais nas escolhas estilísticas que o sujeito do discurso vai realizar.

Um papel muito importante vai ser conferido ao “ouvinte”, ao destinatário, que será considerado como ocupante de uma posição especial, bilateral, isto é, que diz respeito tanto ao autor como o herói (objeto do enunciado). E esta posição também, tem efeito determinado no estilo de um enunciado (BRAIT, 2005, p. 84).

Assim, no intuito discursivo do sujeito há marcas individuais, ideologias, axiologias e valores que determinam também suas escolhas no enunciado. O estilo é relativamente individual, pois, assim como o enunciado, carrega as individualidades do “eu”, mas também se constrói a partir de outros enunciados. Dessa maneira, inserido em um contexto, o estilo será as escolhas do indivíduo mais seu grupo social que vão constituir novos enunciados, com diversos estilos. Como afirmam Voloshinov e Bakhtin ([s.d], p.17):

TORNAR-SE MULHER OU SER BELA, RECATADA E DO LAR? Uma análise discursiva

“O estilo é o homem”, dizem; mas poderíamos dizer: o estilo é pelo menos duas pessoas ou, mais precisamente, uma pessoa mais seu grupo social na forma do seu representante autorizado, o ouvinte – o participante constante na fala interior e exterior de uma pessoa.

O estilo, nas diversas esferas, pode compreender não só as escolhas linguísticas, mas também as escolhas verbo-visuais, como imagens e cores que em dado contexto sócio-histórico-cultural revelam muito mais que fatos aparentemente sem conexão, mas que, juntos, vão constituir o enunciado e cumprir sua finalidade, ou seja, as escolhas visuais, verbo-visuais, entre outras, dialogam entre si e compõem o discurso e seu estilo que atendem as intenções discursivas.

O estilo compreende ainda dois fatores em sua constituição: o sujeito diante do conteúdo que se quer dar sentido e o tom expressivo que o sujeito mostra em seu enunciado, pois por meio do tom valorativo-expressivo é que o indivíduo situa qual ideia que se quer transmitir ou dar ênfase. Cada enunciado traz consigo um tom expressivo para persuadir seu interlocutor e ainda, faz uso de um discurso que busca contrapor outra concepção:

A expressividade do nosso enunciado é determinada – às vezes nem tanto – não só pelo teor do objeto do nosso enunciado, mas também pelos enunciados do outro sobre o mesmo tema aos quais respondemos, com os quais polemizamos, são estes últimos que determinam igualmente a insistência sobre certos pontos, a reiteração, a escolha de expressões mais contundentes (ou, pelo contrário, menos contundentes), o tom provocante (ou, pelo contrário, conciliatório), etc [...] A expressividade de um enunciado é sempre, em menor ou maior grau, uma resposta, em outras palavras: manifesta não só sua própria relação com o objeto do enunciado, mas também a relação do locutor com os enunciados dos outros (BAKHTIN apud BRAIT, 2005, p.94)

A expressividade demonstra as intenções discursivas em diferentes formas e contextos. Podemos reiterar discursos, polemizar e realizar determinadas escolhas inúmeras vezes, mas cada escolha no seu tom expressivo estilístico, inserido em um contexto, revelará novos discursos. Dessa maneira, realizamos e renovamos os gêneros para cada época.

Ainda, a expressão como fator estilístico revela a relação do eu com o outro, pois retomamos não só enunciados, mas o estilo e as escolhas de outros, sendo assim o enunciado inteiramente dialógico. Ademais, a atitude responsiva ativa

está ligada à expressividade de cada enunciado, pois é por meio dela que suscitamos o outro como respondente de determinado enunciado.

3 A construção da figura feminina pela sociedade

A mulher, desde tempos remotos, é vista sob uma perspectiva patriarcal de submissão e fragilidade em relação ao homem. Considerada incapaz de ser desenvolvida intelectualmente, com pensamentos vagos e limitados aos afazeres de casa, ao dia-a-dia da comunidade em que vive, busca até os dias de hoje reverter essa ideologia machista que permeia a sociedade.

As representações de divindade nos tempos primitivos, trazem a figura da mulher em deusas da fertilidade e ainda a analogia a “Grande-mãe”, como o universo fruto de um grande parto. Na Grécia antiga, os deuses do Olimpo não diferenciavam em força e poder em relação ao gênero.

Nos fundamentos da criação do mundo, a mulher é vista como inferior e tentadora. O mito adâmico traz a figura de Lilith e Eva, como primeiras mulheres no mundo. Lilith foi substituída por Eva nos textos bíblicos judaicos por ser considerada satanizada ao abandonar Adão, que queria sua submissão. Eva, no entanto, foi condenada pela desobediência e assim julgada por trazer o pecado ao mundo e romper com o paraíso que era isento de pecado.

Nota-se, desse modo, que desde a primeira mulher há a desvalorização de sua imagem. Outra figura feminina representada ao longo da história da humanidade, foi a de Maria, aproximada à ideia de “Grande-mãe”, traz características de sabedoria ao lidar com Deus e seres humanos. Contudo, ainda lhe são atribuídos traços que já eram impostos para a mulher, como a obediência e a submissão.

Também foi criada a divisão dos papéis a serem exercidos pelo homem e pela mulher. Ao homem, cabia o trabalho para o sustento e gerenciamento do lar e, à mulher, os afazeres de casa e o cuidado com os filhos. A sociedade acatou essa hierarquia de funções por questões religiosas e culturais.

Com isso, durante muito tempo a mulher foi privada de direitos e oportunidades sociais que também eram restritas apenas a homens, pois viviam uma espécie de clausura em que só podiam sair de casa para ir a Igreja, depois de

algum tempo se estendeu a bailes e teatros. Além disso, também era privada dos estudos, pois este era destinado apenas aos homens, enquanto as mulheres recebiam uma educação doméstica, pois sua vida deveria ser centrada no cuidado com a casa, com o marido e os filhos.

Na Idade Média, por exemplo, o Cristianismo lutava contra a Reforma Protestante e, assim, reafirmava preceitos e impunha posturas rígidas aos seus seguidores para exaltar e defender a crença. As mulheres, nesse contexto, tinham que se dedicar ao casamento ou ao convento, pois qualquer outra escolha era considerada desobediência e ofensa à moral que seguiam, podendo levar até mesmo à fogueira da purificação em casos considerados de rebeldia.

Em relação ao casamento, a maioria não era por amor, e sim pelo interesse capitalista de ambas as famílias, além da ideia que permeava a sociedade de que a mulher tinha como dever casar e dar filhos ao seu marido. A mulher não possuía nenhuma opção no mercado de trabalho, como também não tinha o direito ao voto, como se fosse um gênero inferior ao masculino e não tivesse capacidade de participar da política de seu país.

No Brasil, na sociedade indígena, a mulher passava por rituais a partir de sua primeira menstruação, sinal de amadurecimento. A partir disso, a nova mulher era submetida a parceiros de tribo para reprodução, cuidado dos filhos que nasciam e ao trabalho nas tribos. A poligamia era uma prática comum entre os chefes de tribos, um nativo tinha diversas parceiras e essas eram submetidas a ele, mas se a esposa tivesse um caso extraconjugal passaria por humilhações.

Na história brasileira, sabemos que, com a colonização, a cultura portuguesa se instalou no país descoberto e, como a cultura europeia possuía grande influência do Cristianismo, a hierarquia familiar era do homem superior à mulher, que cuidava do lar e dos filhos. As mulheres portuguesas ao se depararem com as nativas sentiam-se ainda mais inferiores, visto que as indígenas possuíam mais liberdade que elas, além de serem bonitas e mostrarem seus corpos nus.

Os portugueses encantavam-se com as nativas, ocorrendo, desse modo, muitos casos de indígenas grávidas de portugueses, conseqüentemente, houve um processo de mestiçagem. Diante disso, muitas mulheres nativas que se

FALEIROS, I. E. H.; FORNEL, L. M.; REZENDE, V.; CAMPOS-TOSCANO, A.L.F. adaptavam à nova cultura, criavam seus filhos sozinhas e tinham de buscar trabalho para o sustento.

Mais tarde, com a vinda dos escravos africanos ao Brasil, as mulheres passavam pela mesma situação, eram até mesmo abusadas pelos patrões e como não tinham possibilidade de ascensão criavam seus filhos nas senzalas. Às escravas ainda cabiam o cuidado com a casa, e com os filhos.

No século XIX, houve o início de mudanças com o processo de urbanização e industrialização. A mulher, ainda continuava sob dominação masculina, mas começou a questionar essa hierarquia. Nesse período, era comum, para a elite, passeios em teatros e bailes a moldes franceses, lugares onde podiam mostrar apreço pela cultura e ainda agregar *status* à classe dominante. As mulheres vestiam-se de forma a exaltar sua beleza a partir dos costumes europeus de moda e etiqueta.

Mesmo assim, a elas o acesso à cultura era limitado. Como afirma Orsini (2003, p.83), para a mulher desse período:

Sua formação cultural limitava-se – no caso das famílias não ricas – a rudimentos de escrita e das operações fundamentais. Às meninas de famílias mais abastadas, ensinavam também o francês, a música, as artes. A todas, porém, era destinado o casamento, o cuidado da casa e dos filhos, o silêncio da sua expressão.

A mulher, nessa época, tinha duas escolhas: casar-se para alcançar uma vida próspera ou seguir uma vida libertina. As famílias de classe baixa não podiam pagar bons dotes para a filha casar-se e, com isso, sem um pensamento de que poderiam ser independentes, eram arrastadas a uma vida devassa. Já as famílias que possuíam poderio para pagar dotes, escolhiam um marido que consideravam adequado à filha e, bem jovens, já eram submetidas ao casamento.

O poder masculino não advinha apenas do marido, mas da figura do pai também. A jovem antes de casar era submetida às regras e à educação patriarcal do pai, sendo assim, educada a cumprir o papel que lhe era imposto de submissa.

Só depois de muita luta, a mulher passou a ter um espaço no mercado de trabalho e algum tempo depois teve também conquistado o direito ao voto. No século XX, iniciaram-se movimentos que buscavam a liberdade feminina e a mulher mostrou que é capaz de desenvolver muitas tarefas ao mesmo tempo, continua se

dedicando à casa, ao marido e aos filhos e ainda consegue conciliar tudo isso com o trabalho e com a vida social, sendo, em muitos lares a provedora do sustento familiar. Hoje, no século XXI, as mulheres não só têm direito ao estudo, como também são a maioria dos cargos de professoras e educadoras, além de exercerem funções que antes eram designados apenas a homens.

No entanto, muitos não acompanharam toda essa evolução feminina e ficaram presos aos ideais dos séculos passados, presos ao conservadorismo de que a mulher não é capaz de exercer atividades tão bem quanto homens ou, se trabalharem não conseguirão conciliar com a educação dos filhos. Há ainda a manutenção da ideologia machista de que o homem é superior, perpetuando a desigualdade salarial e social em relação à mulher.

A mulher, por outro lado, é vista sob uma perspectiva sexista de tentadora e sedutora. Com isso, há a ideia de que deve ser recatada, obediente e submissa ao seu parceiro para ser aceita em sociedade.

3.1 O gênero feminino: busca por igualdade

O termo gênero se associa, ao distinguir os sexos, a um caráter sócio-histórico-cultural e se baseia no determinismo biológico.

Tomando como padrão os parâmetros anatômico, físico e psicológico masculino, a condição feminina é representada como inferior desde a cultura greco-romana até os dias atuais. Durante todo esse percurso histórico, todas as relações de gênero advieram de valores e de comportamentos diferenciados e discriminatórios entre homens e mulheres. Essas relações se firmaram também social e economicamente pela cultura e pela história.

A busca por acabar com a desigualdade que há entre homens e mulheres segue até os dias de hoje. A mulher conseguiu romper, em grande parte, ideias estereotipadas que lhes eram atribuídas, mas ainda busca por igualdade.

A escola, que foi uma das precursoras da ideologia de que as mulheres deveriam ser “moças bem comportadas” (CONFORTIN, 2003, p.108), acabou gerando uma ideia contrária e, assim, passaram a questionar se cabiam a elas

serem sempre submissas e privadas de suas escolhas devido ao que a sociedade poderia julgar.

Ser mulher até então significava ser incontestável ao que era imposto pelo gênero masculino, considerado ágil, inteligente, forte, dominador. Ser do gênero feminino era ser considerada frágil, delicada, incapaz, com baixo intelecto, entre outros adjetivos que limitavam o posicionamento da mulher, que não deixavam com que elas se expressassem nem tivessem escolhas sobre seus atos, realizavam o que era imposto como seu papel na sociedade.

Diante disso, evidencia-se que a definição para gênero masculino e feminino vai além de uma separação biológica. É uma construção social, na qual se distingue pelo caráter social que cada indivíduo exerce, assim como Confortin (2003, p.111) afirma:

A ideia é que homens e mulheres são produzidos socialmente e esta produção se dá em múltiplas instâncias sociais: dá-se através dos discursos, das doutrinas, das imagens, dos símbolos, na escola, na família, na igreja, através da mídia, enfim, ser homem e ser mulher é um processo que não está pronto na hora do nascimento da pessoa. É um processo que se dá ao longo da vida e se dá de acordo com as múltiplas influências e instâncias. Poderíamos dizer que quem melhor sintetizou esse processo foi Simone Beauvoir com sua célebre “Não se nasce mulher, torna-se mulher”.

O gênero está ligado ao que a sociedade impõe ao indivíduo. Ser homem e mulher altera de acordo com as mudanças sócio-histórico-culturais. Afirmar que é mulher, branca, brasileira é diferente de ser mulher, negra e africana, há mudanças e diferentes concepções nos variados contextos. Com isso, “os diferentes modos de ser têm motivações muito mais sociais do que naturais” (CONFORTIN, 2003, p.111).

Apesar de elementos biológicos que diferem os indivíduos, o gênero ainda é mais social, pois sofre influência da sociedade que distingue o que é adequado ao gênero masculino e ao feminino. Ideias como a de que mulheres são mais sensíveis e que homem não deve chorar, é de caráter social e define o que é considerado correto para cada gênero. A sociedade tem por pensamento que o cérebro masculino e o feminino se diferem, cabendo a cada um necessidades e atitudes determinadas, sendo o homem mais racional que a mulher. A partir disso,

cria-se a concepção de dominante e dominado, pois a mulher é vista como ser inferior intelectualmente, sofrendo dominação pelo homem.

3.2 A mulher na mídia: o discurso veiculado

As ideologias e os valores que permeiam na sociedade estão inseridos nos atos e discursos realizados pelos sujeitos em suas esferas de atividade. Conseqüentemente, a visão que há da mulher e os papéis impostos a ela são frutos de ideologias patriarcais que ainda são reafirmados até a atualidade, portanto, conclui-se que “as ideologias podem influenciar a maneira como as atitudes sociais são expressas nas estruturas do discurso” (SGARBIERI, 2003, p.135).

Ainda que persistam discursos machistas de desvalorização à figura feminina, nos últimos tempos essa visão tem sido contestada e questionada com maior abrangência e popularidade. As mulheres que, influenciadas também pelas ideologias conservadoras e machistas, acreditaram, muitas vezes, que deviam cumprir seus papéis independentemente de suas próprias vontades, têm se posicionado contra o desrespeito e a posição de inferioridade em que são colocadas.

O século XXI trouxe novas perspectivas para a mulher e deixou de lado alguns tabus. Hoje, têm-se grupos que partilham dos ideais feministas que pregam a liberdade, o respeito, a igualdade e a valorização da mulher na sociedade, com isso a figura feminina tornou-se mais ativa na luta por seus direitos, além de mostrar que pode ir além dos cuidados limitados ao lar e a pensamentos vagos. A mulher transformou seu papel social, revelou que discursos machistas já não são bem acatados:

Por isso, no discurso que se faz sobre a mulher no terceiro milênio, define-se, inicialmente, uma mulher que passa da condição de vítima para a de protagonista da sua própria história. Um dos grandes avanços humanos e sociais ocorridos na virada do milênio foi, sem dúvida, o início da passagem da mulher considerada vítima de preconceitos, discriminação, exploração, submissão, desníveis sociais, para ser, ela mesma, a protagonista de sua ascensão e libertação (CONFORTIN, 2003, p.119).

A ideologia machista ainda perpassa a sociedade por meio da cultura, da religião, do contexto e, principalmente, pela mídia, que, apesar de buscar tratar a mulher com igualdade e valor, também traz discursos advindos dos costumes patriarcais de papéis a serem cumpridos pela mulher.

A mídia tem dado à mulher um papel pré-estabelecido, pois apenas são direcionadas e referidas a elas propagandas de produtos de limpeza, de beleza e de brinquedos ou materiais escolares direcionados aos filhos.

A imagem feminina é também muito explorada nos comerciais de cerveja, porém, nestes casos, ela é considerada um “corpo sem língua” pelo fato de simplesmente expor o corpo sempre bronzeado e em forma e, na maioria das vezes, não falar nada. No Brasil, segundo o IBGE aproximadamente 10 milhões de mulheres ingerem bebidas alcoólicas e, mesmo assim, a sua única função nas propagandas é a atração do público masculino.

Segundo Sgarbieri, influenciado pelo pensamento de Van Dijk³, a visão da mídia está intimamente ligado a crenças, valores, opiniões, atitudes e ideologias, fazendo com que as matérias que chegam até nós não tenham só caráter informativo, mas possuam também a visão de mundo do escritor. Desse modo, a ideologia tanto do escritor, quanto do leitor influencia na produção e na interpretação do discurso.

Por meio de seu discurso, a mídia tenta delimitar um espaço específico à mulher e um outro ao homem, algo que é totalmente contrário aos ideários conquistados através do tempo pelas mulheres.

Em 1994, ano em que a primeira governadora mulher foi eleita, a revista *Veja* teve como capa o tema “Mulher - A grande mudança no Brasil”, sendo um marco da inserção da mulher na mídia por tratar das mudanças ocorridas ao longo do tempo em relação ao gênero feminino em nossa sociedade. Assim, compreende-se que a estrutura da sociedade influi concretamente na formação da identidade de homens e mulheres.

Nesse contexto, pode-se afirmar que o discurso midiático influi na formação de opinião do leitor. Se vivemos em uma sociedade conservadora que

³ Teun Van Dijk é doutor em linguística pela Faculdade de Letras da Universidade de Amsterdã, é editor das revistas *Discurso e Sociedade* e *Estudos do Discurso* e autor de livros de linguística como *Discurso e Poder* e *Texto e Contexto*. Seus estudos são voltados para questões de discurso e poder, busca analisar questões relacionadas às minorias sociais e as influências das ideologias no contexto.

veicula essas ideias em seu discurso, o interlocutor é diretamente afetado por isso, e sua atitude responsiva é influenciada por esse contexto.

Para compreender o sentido completo de um discurso midiático, é necessário ter um conhecimento prévio sobre o assunto, bem como compreender o contexto em que ele está inserido, o tempo o espaço em que foi produzido.

4 A ideologia de gênero e a sociedade

As questões de gênero, orientação sexual e sexualidade são temas ainda mistificados na sociedade, principalmente, no âmbito escolar. Muito se fala sobre levar ao estudante textos sobre sexualidade e promover a discussão e o debate para construir valores éticos e combater as violências e os desrespeitos que permeiam a sociedade; em contrapartida, há também a defesa de que não cabe, à escola, tratar desses temas com os alunos, pois se realizado dessa maneira, promove uma ideologia de gênero que desvincula os valores tradicionais de família.

Em 2014, o Congresso Nacional, movido por pressões de ordem pública e de setores religiosos brasileiros, retirou pontos sobre o termo “ideologia de gênero” do PNE – Plano Nacional de Educação, responsável por determinar diretrizes e metas a serem alcançadas na educação em um período de 10 anos. Na época, o assunto gerou muita polêmica e inúmeras discussões sobre retirar ou permanecer o tratamento da igualdade de gênero.

Há, na sociedade, visões contrárias sobre a inserção nos Parâmetros Curriculares Nacionais dos termos “ideologia de gênero” e “orientação sexual”. De um lado, apresentam-se pensamentos sobre a formação familiar constituída por homem e mulher em que se é considerado somente o aspecto biológico. No entanto, esse pensamento é questionado levando-se em conta a religiosidade e a argumentação de que o país vive um regime estatal laico, mas essa não é uma defesa somente religiosa e sim fruto de uma concepção tradicional da constituição familiar.

De outro lado, defende-se que a meta a ser alcançada ao tratar da igualdade de gênero é combater o preconceito e a discriminação dos gêneros, além dos preconceitos raciais e orientação sexual. Essa ideologia pode ser considerada

legítima, e a sua presença no PNE tornou-se importante para manter em pauta temas como a sub-representação política das mulheres, as desigualdades no mercado de trabalho, a assustadora violência nas ruas e domicílios, a objetificação social da mulher na mídia, etc, que mostram a necessidade de serem discutidos nas salas de aula em todo o Brasil, a fim de alcançar uma sociedade mais justa e livre de violências.

Contudo, o projeto foi reprovado por parte de deputados e ficou a poder de cada Estado decidir se aprovaria ou não inserir o termo ao seu plano de educação.

4.1 A ideologia de gênero na avaliação do ENEM

O termo “gênero” foi criado na segunda metade do século passado para designar as construções sociais sobre o masculino e feminino. Em pouco tempo, o conceito foi apropriado por outros movimentos e se transformou em uma importante ferramenta analítica e política, com o objetivo de desnaturalizar as opressões de gênero, desconstruir verdades absolutas e imutáveis sobre mulheres e homens, derrubar as falsas fronteiras que nos demarcam em estereótipos.

Como já mencionamos anteriormente, perpassa em nossa sociedade uma cultura ainda patriarcal que privilegia o sexo masculino, portanto, tratar a igualdade de gênero ainda é um tabu e há embates entre as ideologias.

Por exemplo, em 2015, no Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM - uma questão da prova de Ciências Humanas abordou um trecho da obra “O segundo sexo”, de Simone de Beauvoir e gerou muita polêmica por trazer à tona o tema Feminismo e questões de gênero.

Figura 1 – Questão Simone de Beauvoir

QUESTÃO 42 ◇◇◇◇◇

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

Na década de 1960, a proposição de Simone de Beauvoir contribuiu para estruturar um movimento social que teve como marca o(a)

- A** ação do Poder Judiciário para criminalizar a violência sexual.
- B** pressão do Poder Legislativo para impedir a dupla jornada de trabalho.
- C** organização de protestos públicos para garantir a igualdade de gênero.
- D** oposição de grupos religiosos para impedir os casamentos homoafetivos.
- E** estabelecimento de políticas governamentais para promover ações afirmativas.

Fonte: ENEM, Caderno Azul, 2015, online.

O ENEM foi criado em 1998 e teve por princípio avaliar anualmente o desempenho dos alunos do ensino médio em todo país. A matriz curricular do ENEM define as competências e as habilidades mínimas esperadas do aluno no fim da educação básica, as quais devem lhe oferecer as condições, como previsto pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), n.9.394/96, de continuação dos estudos ou de ingresso no mundo do trabalho.

Além de avaliar anualmente o aprendizado dos alunos do ensino médio em todo o país, o ENEM auxilia o ministério na elaboração de políticas pontuais e estruturais de melhoria do ensino brasileiro por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do Ensino Médio e Fundamental, promovendo alterações conforme indica-se o cruzamento de dados e pesquisas nos resultados do exame. Aliás, foi a primeira iniciativa de avaliação geral do sistema de ensino implantado no Brasil.

Por essas razões e outras, os conteúdos, as competências e as habilidades privilegiados pelo ENEM contribuem para a definição do espaço atribuído aos diversos saberes no currículo das escolas. Ainda, o Enem, por estar vinculado à sociedade, articula temas das áreas de conhecimento de maneira contextualizada com os que estão em pauta na atualidade.

O Enem estimula a escola a desenvolver habilidades e competências com as quais os alunos possam assimilar informações e utilizá-las em contextos adequados, servindo-se dos conhecimentos adquiridos para tomar decisões autônomas e socialmente relevantes (CASTRO, 2017, online).

A avaliação é composta por 180 questões divididas nas quatro áreas de conhecimento: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; Ciências Humanas e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Matemática e suas Tecnologias. Além disso, é realizada a prova de redação, cuja proposta é uma dissertação argumentativa sobre o tema que apresentam.

Cada prova tem valor de 0 a 1000 e, ao final, é feita a média que além de avaliar o desempenho dos estudantes do ensino médio, possibilita por exemplo: o ingresso a universidades públicas e particulares, a participação de programas como o SISU e o ProUni que também viabilizam o acesso à universidade ou ainda o certificado de conclusão do Ensino Médio para aqueles que não concluíram.

A questão apresentada na Figura 1 foi parte da prova de Ciências Humanas e suas Tecnologias e era necessário que o participante interpretasse sobre a questão da luta pela igualdade de gênero, tendo em vista que Simone de Beauvoir lutou pelos direitos da mulher em busca de igualdade e respeito, a fim de combater a violência contra o gênero feminino.

Simone de Beauvoir, nascida em Paris no início do século XX, foi uma escritora, intelectual, filósofa existencialista⁴, ativista política, feminista e teórica social francesa que escreveu romances, ensaios, biografias, autobiografia e monografias sobre Filosofia, Política e questões sociais. Ela forneceu fundamentos filosóficos para o questionamento do então papel da mulher na sociedade e é

⁴ O Existencialismo, formulado no século XX, é uma doutrina filosófica centrada na análise da existência e do modo como seres humanos têm existência no mundo. Procura encontrar o sentido da vida por meio da liberdade incondicional, escolha e responsabilidade pessoal. tem como precursores: Sócrates, Santo Agostinho e Maine de Bitan.

conhecida por seu tratado *O segundo sexo*, de 1949, uma análise detalhada da opressão das mulheres e um tratado fundamental do feminismo contemporâneo.

Este foi um dos seus livros mais famosos e revela o tratamento dado à mulher ao longo da história, além de ser considerado um dos principais trabalhos da Filosofia feminista e o marco da segunda geração do feminismo.

Beauvoir viveu em uma época de mudança de pensamentos, e se preocupou em desconstruir o conceito de “feminino”. Para a autora este é uma construção social que existe no contexto de dominação do gênero masculino. A citação apresentada na questão evidencia esse pensamento de que a construção do que é ser mulher está vinculada às imposições da sociedade, mas a mulher torna-se mulher e não é o destino biológico vindo da sociedade que deve limitar aquilo que ela pode ser.

Em *O segundo sexo*, Beauvoir postula que o patriarcalismo do século XX coloca a mulher em posição inferior ao homem e que o destino é desfavorável a ela. Por isso, a necessidade da luta do gênero feminino em busca de liberdade e lugar na sociedade.

Assim, o triunfo do patriarcado não foi nem um acaso, nem o resultado de uma revolução violenta. Desde a origem da humanidade, o privilégio biológico permitiu aos homens afirmarem-se sozinhos como sujeitos soberanos. Eles nunca abdicaram do privilégio; alienaram parcialmente a sua existência na Natureza e na mulher, mas reconquistaram-na a seguir. Condenada a possuir apenas uma força precária: escrava ou ídolo, nunca é ela quem escolhe o seu destino. “Os homens fazem os deuses; as mulheres adoram-nos” diz Frazer (BEAVOUIR, 1949, p.134).

Apesar de Beauvoir apresentar ideias advindas do século XX, a escolha pelo tema em uma avaliação remete à ideia de que o tema é atemporal e ainda necessita de atenção. Nos últimos tempos, os ideais feministas tem sido valorizados e exaltados por parte da sociedade, tendo em vista que a violência moral e física contra a mulher ainda permeia no século XXI.

Ela ainda é colocada em posição de inferioridade e sofre preconceitos advindos da cultura patriarcal instaurada nos séculos passados. Em função disso, a presença de uma questão em um exame nacional que evoca a ideologia de gênero e a luta feminista, não foi bem aceito por parte da sociedade.

A repercussão da questão nas mídias apresentaram prós e contras, evidenciando que a população divide-se e há oposição de ideias num todo, desde homens e mulheres, como no artigo a seguir publicado pela *Gazeta do Povo* uma semana depois da realização da avaliação.

O ódio a Simone de Beauvoir no Enem é uma prova de que ela está certa

A questão sobre a filósofa Simone de Beauvoir no Enem provocou um escândalo nacional na semana passada. Houve revolta por parte da bancada mais conservadora no Congresso, acusações de doutrinação por parte do MEC e, por incrível que pareça, pelo menos uma Câmara Municipal, em Campinas, aprovou uma moção de repúdio ao ministério da Educação.

Por estranho que pareça, o medo que o texto usado causa pode ser visto como uma prova de sua veracidade. Fosse falso o que a autora defende, não haveria qualquer motivo para que se acirrassem os ânimos, para que alguém se preocupasse com ela.

Afinal, o que diz o texto de Beauvoir? Basicamente, que nossa ideia do que é ser “mulher” tem muito de social, e não é totalmente biológica. Olha o texto aí de novo:

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino.”

Os vereadores de Campinas, horrorizados, tentaram entender se isso queria dizer que “alguém é mulher de dia e homem de noite”. Não é mentira. Isso foi dito na Câmara. Então, para facilitar a interpretação do texto, vamos lá: troque-se “mulher” por “feminina”. Não fica exatamente a mesma coisa, mas talvez ajude.

O que Beauvoir estava dizendo é que ninguém nasce seguindo naturalmente os padrões sociais que se esperam de uma mulher. Ela é “mulher” num primeiro instante, pelos cromossomos, pela genitália. Só. Ser o que chamamos de “feminina” exige todo um treinamento (adestramento?). Das roupas rosas à leitura de Marie Claire. Da submissão à moda à submissão ao homem. Exige a submissão a um estereótipo.

Uma prova do que Beauvoir defende pode ser geográfica. Ser mulher no Brasil pode incluir (e até exigir) sensualidade, biquínis mínimos, corpo de revista. Fazer o mesmo na Arábia Saudita é ser diferente do que se espera de uma mulher lá. E pode levar a sérios problemas para quem não se adapta às questões e preconceitos sociais de lá.

Outra pode ser uma prova histórica: ser mulher na Roma Antiga, ou na Londres do século 18 é diferente do que é ser mulher hoje, digamos, nos Estados Unidos. Porque tudo tem a ver não apenas com cromossomos e genitália, mas também com expectativas e construções sociais. Dá para negar?

Mas a prova que os opositores da filósofa ofereceram com sua reação ao Enem é mais sutil, embora igualmente importante. Por que eles não querem que se divulgue uma teoria como essa? Os argumentos de quem entendeu minimamente o texto – esqueça os vereadores de Campinas – são de que isso pode influenciar os alunos.

Se os antifeministas estivessem tão certos de que nada muda o que é “ser mulher”, que as mulheres são o que são independente do resto,

TORNAR-SE MULHER OU SER BELA, RECATADA E DO LAR? Uma análise discursiva

não precisariam se preocupar tanto com Beauvoir. Ela seria inócua. Seu texto seria um mero absurdo, ou algo que não causaria transformação alguma.

Eles se preocupam, porém, porque sabem que tomar consciência do aspecto social da construção do feminino é poder libertar-se dele. É poder escolher entre aceitar o estereótipo, a submissão ao que se espera socialmente de alguém, ou confrontar isso. O texto é “perigoso” porque faz perceber que há opções. Que as mulheres não precisam ser exatamente como são hoje.

Que, afinal de contas, ninguém nasce “mulher”. Torna-se.
(GAZETA DO POVO, 2017, online)

Nesse artigo, podemos notar os embates ideológicos expressos na sociedade em relação à ideia que se tem sobre a mulher no Brasil. Nesse sentido, as atitudes responsivas foram de diversos níveis desde a aprovação até a crítica pela escolha realizada pelos organizadores da avaliação.

Com os diversos posicionamentos em relação à questão, podemos entender que a sociedade divide-se em duas posições, sendo uma sob um viés conservador de que a mulher não possui um papel socialmente construído, mas é mulher pelo fator biológico; já a proposta de Beauvoir, de que a mulher apesar de ser separada pela questão biológica, se constrói mulher nas suas vivências e experiências em sociedade, criticando, dessa forma, a submissão feminina de seguir padrões e estereótipos postulados pela sociedade a fim de ser aceita.

A palavra gênero é plurissignificativa e, para o movimento feminista, o termo tem relação com um papel socialmente construído, que não é imposto biologicamente.

Diante disso, podemos afirmar que há a ação de forças centrífugas sobre os enunciados conservadores, considerados mais aceitos no meio social, mas mesmo assim, descentraliza-se a ideia de única verdade. O fato de uma avaliação nacional tratar de uma filósofa com um posicionamento feminista, que é considerado um movimento ainda em crescimento devido à cultura patriarcal instaurada no país, não é bem visto pela camada que busca manter o conservadorismo de que a mulher possui um lugar social posto e que deve ser seguido, desvinculando a ideia de que a mulher pode ser aquilo que ela deseja, do que ela busca se tornar.

Assim, a atuação das forças centrípetas que centralizam o plurilinguismo da realidade se desestabilizam quando discursos como de Beauvoir,

que contrapõem ao senso comum, atuam como forças centrífugas e reconfiguram a ideia mais aceita.

Ainda, os posicionamentos revelados por meio da questão da avaliação, remete às reflexões acerca de ideologia que Bakhtin postula, ao tratar a ideologia como reflexo e refração da realidade, ou seja, refletimos determinadas ideologias, mas também refratamos ao interpretar da maneira que concebemos, havendo, assim, a possibilidade de diversos olhares e interpretações sobre a mesma temática.

O enunciado de Beauvoir, posto em uma esfera filosófica, desloca-se para a esfera da avaliação oficial e isso demonstra incômodo, pois avalia e promove a reflexão do estudante em torno da sociedade. A questão é que, como para os vereadores de Campinas citados no artigo da *Gazeta do Povo*, esse fato poderia ser visto como doutrinação do MEC em relação aos candidatos, porém o enunciado está vinculado à vida, ao contexto sócio-histórico-cultural, pois a visão da mulher tem sido discutida na sociedade e, desse modo, não está desvinculada da sociedade.

Ademais, a questão exige que o candidato tenha conhecimento do movimento de igualdade de gêneros no século XX e não há a finalidade de doutrinar ou influenciar o sujeito, e sim refletir acerca da autenticidade do movimento. Como todo signo é ideológico, há sim a marcação de uma ideologia que defende a emancipação da mulher, mas não há um enunciado que busca marcar somente influências sob o candidato.

O contexto em que a questão é colocada apresenta uma relação dialógica, tendo em vista que, no ano anterior, foi discutida a lei que tratava sobre ideologia de gênero nas escolas, além disso, há a luta pela liberdade social da mulher que tem ganhado força na sociedade a fim de conquistar a autonomia do gênero feminino. A escolha por tratar da questão da mulher na avaliação reitera a ideia de que um enunciado está diretamente ligado ao seu contexto sócio-histórico-cultural.

A repercussão da questão evidencia que a luta feminista ainda está em processo, pois a cultura patriarcal ainda é valorizada e, ao propor reflexão sobre a posição da mulher na sociedade, temos reações que mostram a dificuldade em refletir acerca de um posicionamento que descontrói uma ideia até então posta como correta, mas que fere com a liberdade de escolha da mulher e, por isso, "o texto é

TORNAR-SE MULHER OU SER BELA, RECATADA E DO LAR? Uma
análise discursiva

‘perigoso’ porque faz perceber que há opções. Que as mulheres não precisam ser exatamente como são hoje” (GAZETA DO POVO, 2017, online).

5 Bela, recatada e do lar

Em abril de 2016, período em que o país passou pela votação no Congresso para a legitimação do *Impeachment* da presidente Dilma Rouseff, a revista *Veja* lançou uma edição especial para tratar de questões relacionadas ao processo que estava ocorrendo no país. Nessa edição, tratou desde assuntos relacionados à realidade que a política estava vivenciando até a previsão de que o vice-presidente, Michel Temer, assumiria o posto da presidência. A seguir, a capa da revista:

Figura 2 – Capa revista *Veja*, 21 de abril de 2016



Fonte: *Veja*, 2017, online.

A capa chama atenção por possuir uma imagem que instiga o leitor, especialmente no contexto histórico em questão. A foto apresenta em destaque as cores da bandeira brasileira e, de fundo, a cor preta, enfatizando o conteúdo temático central de acordo com o intuito discursivo do enunciador. Por meio da capa,

podemos verificar que há a afirmação da ocorrência do *Impeachment*, mesmo ainda não tendo sido legitimado.

Nessa mesma edição, ao tratar do contexto no qual o Brasil estava vivenciando, foi publicado o artigo intitulado “Bela, recatada e do lar” que apresenta a esposa de Michel Temer, Marcela Temer:

Bela, recatada e do lar

Marcela Temer é uma mulher de sorte. Michel Temer, seu marido há treze anos, continua a lhe dar provas de que a paixão não arrefeceu com o tempo nem com a convulsão política que vive o país – e em cujo epicentro ele mesmo se encontra. Há cerca de oito meses, por exemplo, o vice-presidente, de 75 anos, levou Marcela, de 32, para jantar na sala especial do sofisticado, caro e badalado restaurante Antiquarius, em São Paulo. Blindada nas paredes, no teto e no chão para ser à prova de som e garantir os segredos dos muitos políticos que costumam reunir-se no local, a sala tem capacidade para acomodar trinta pessoas, mas foi esvaziada para receber apenas “Mar” e “Mi”, como são chamados em família. Lá, protegido por quatro seguranças (um na cozinha, um no toalete, um na entrada da sala e outro no salão principal do restaurante), o casal desfrutou algumas horas de jantar romântico sob um céu estrelado, graças ao teto retrátil do ambiente. Marcela se casou com Temer quando tinha 20 anos. O vice, então com 62, estava no quinto mandato como deputado federal e foi seu primeiro namorado.

Michelzinho, de 7 anos, cabelo tigelinha e uma bela janela no lugar que abrigará seus incisivos centrais, é o único filho do casal (Temer tem outros quatro de relacionamentos anteriores). No fim do ano passado, Marcela pensou que esperava o segundo filho, mas foi um alarme falso. “No final, eles acharam que não teria sido mesmo um bom momento para ela engravidar, dada a confusão no país”, conta tia Nina, irmã da mãe de Marcela. Ela se refez do sobressalto, mas não se resignou – ainda quer ter uma menininha. No Carnaval, Marcela planejou uns dias de sol e praia só com o marido e o filho e foi para a Riviera de São Lourenço, no Litoral Norte de São Paulo. Temer iria depois, mas, nos dias seguintes, o plano foi a pique: o vice ligou, dizendo que estava receoso de expor a família, devido aos ânimos acirrados no país. Pegou Marcela, Michelzinho, e todo mundo voltou para casa.

Bacharel em direito sem nunca ter exercido a profissão, Marcela comporta em seu *curriculum vitae* um curto período de trabalho como recepcionista e dois concursos de miss no interior de São Paulo (representando Campinas e Paulínia, esta sua cidade natal). Em ambos, ficou em segundo lugar. Marcela é uma vice-primeira-dama do lar. Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma também (nas últimas três semanas, foi duas vezes à dermatologista tratar da pele). Por algum tempo, frequentou o salão de beleza do cabeleireiro Marco Antonio de Biaggi, famoso pela clientela estrelada. Pedia luzes bem fininhas e era “educadíssima”, lembra o cabeleireiro. “Assim como faz a Athina Onassis quando vem ao meu salão, ela deixava os seguranças do lado de fora”, informa Biaggi. Na opinião do cabeleireiro, Marcela “tem tudo para se tornar a nossa Grace Kelly”. Para isso, falta só “deixar o cabelo preso”. Em todos esses anos de

TORNAR-SE MULHER OU SER BELA, RECATADA E DO LAR? Uma análise discursiva

atuação política do marido, ela apareceu em público pouquíssimas vezes. “Marcela sempre chamou atenção pela beleza, mas sempre foi recatada”, diz sua irmã mais nova, Fernanda Tedeschi. “Ela gosta de vestidos até os joelhos e cores claras”, conta a estilista Martha Medeiros.

Marcela é o braço digital do vice. Está constantemente de olho nas redes sociais e mantém o marido informado sobre a temperatura ambiente. Um fica longe do outro a maior parte da semana, uma vez que Temer mora de segunda a quinta-feira no Palácio do Jaburu, em Brasília, e Marcela permanece em São Paulo, quase sempre na companhia da mãe. Sacudida, loiríssima e de olhos azuis, Norma Tedeschi acompanhou a filha adolescente em seu primeiro encontro com Temer. Amigos do vice contam que, ao fim de um dia extenuante de trabalho, é comum vê-lo tomar um vinho, fumar um charuto e “mergulhar num outro mundo” – o que ocorre, por exemplo, quando telefona para Marcela ou assiste a vídeos de Michelzinho, que ela manda pelo celular. Três anos atrás, Temer lançou o livro de poemas intitulado *Anônima Intimidade*. Um deles, na página 135, diz: “De vermelho / Flamejante / Labaredas de fogo / Olhos brilhantes / Que sorriem / Com lábios rubros / Incêndios / Tomam conta de mim / Minha mente / Minha alma / Tudo meu / Em brasas / Meu corpo / Incendiado / Consumido / Dissolvido / Finalmente / Restam cinzas / Que espalho na cama / Para dormir”.

Michel Temer é um homem de sorte.
(LINHARES, 2016, online)

O artigo gerou grande polêmica a partir de seu título “Bela, recatada e do lar”, evidenciando que Marcela Temer pode ser considerada um exemplo de mulher por sua beleza conforme os padrões da sociedade e por ter uma postura dita recatada e do lar e por ser vista como uma mulher que se resguarda, não se expõe e cuida dos afazeres comuns de sua casa.

A construção discursiva da revista sobre a figura feminina é conservadora, como, por exemplo, no que se refere ao estilo. O emprego dos termos “bela, recatada e do lar”, presentes no título do artigo e reiterados ao longo do texto com exemplos da postura da futura primeira dama como em “Marcela é uma vice-primeira-dama do lar” ao comentar que seus afazeres giram em torno dos cuidados ao filho, da casa e dela mesma, e em “Marcela sempre chamou atenção pela beleza, mas sempre foi recatada”, pois, apesar de sua beleza, seu vestuário é composto de vestidos de cores claras até os joelhos.

Esses enunciados evocam aos estereótipos que circundam a sociedade de que a vida da mulher deve ser dedicada aos afazeres domésticos, postular que “Marcela é uma vice-primeira-dama do lar” evidencia que ela deve ser considerada um exemplo de mulher, mas desconsidera a grande maioria das mulheres brasileiras que, além dos serviços domésticos, estão presentes no

mercado de trabalho em busca de melhorias nas suas vidas. Além disso, podemos notar que o padrão de vida de Marcela Temer é de elite e isto reflete no poder de escolha que ela tem de, por exemplo, dedicar-se ao filho e ao lar, o que muitas mulheres não podem escolher devido à classe social da qual fazem parte.

Novamente, a escolha por adjetivos como “sofisticado, caro e badalado” para a descrição do restaurante Antiquarius que Michel e Marcela frequentam, ou ainda, outros modificadores como “famoso” e “estrelada” para se referirem ao cabelereiro que Marcela Temer frequenta reforça a posição elitista exposta por esse discurso.

Ao comentar que “Marcela sempre chamou atenção pela beleza, mas sempre foi recatada” evoca a visão de que uma mulher considerada bonita chama atenção e nem sempre tem uma postura de decência, mas Marcela usa “vestidos até os joelhos e cores claras”, por isso é considerada discreta e recatada, postulando, assim, que as cores claras remetem à pureza e contrapondo a isso, roupas curtas são sinônimos de falta de recato, ideologia esta que permeia a sociedade, de que uma mulher deve ser recatada para não chamar a atenção dos homens, uma ideia conservadora de que a mulher deve seguir esses padrões para ser considerada de respeito.

Ainda, a escolha da revista por veicular o comentário de que Michel foi o único namorado de Marcela e que a “sacudida, loiríssima e de olhos azuis, Norma Tedeschi acompanhou a filha adolescente em seu primeiro encontro com Temer” reitera a ideia de que a Marcela pode ser considerada uma mulher recatada.

O comentário de seu cabelereiro, Marcos Biaggi, de que Marcela “tem tudo para se tornar a nossa Grace Kelly” retoma a ideia de que, prevista como primeira dama, pode ser comparada à atriz Grace Kelly⁵, que, na década de 60, casou-se com o príncipe Rainier Grimaldi, de Mônaco, e tornou-se princesa. Grace Kelly chamava atenção por sua beleza, assim como Marcela Temer, que já foi modelo e que, naquela ocasião, estava prestes a se tornar a primeira dama.

⁵ Grace Kelly foi uma atriz norte americana que não se inseria nos estereótipos dos artistas da década de 1950. Em um tempo em que as atrizes encantavam o mundo com o seu charme extravagante e uma relação quase sensual com os seus fãs, Grace se mantinha arredia, clássica e elegante. Casou-se com Rainer III, Príncipe-soberano de Mônaco e, assim, tornou-se princesa, passando a ser conhecida como Princesa Grace do Mônaco.

Ainda, a comparação de Marcela com uma princesa, evoca a concepção de mulher perfeita que é idealizada nos contos de fadas e ainda o enunciado do “felizes para sempre” como seu casamento com Michel Temer, que é apresentado como um homem perfeito. São esses pensamentos que os discursos feministas buscam romper, ou seja, desvincular a visão de mulher princesa, com beleza impecável e submissão. As feministas, hoje, buscam mostrar o chamado “empoderamento”, ou seja, a mulher pode marcar domínio e não ser dominada, ter poder de escolhas e não de ser submetida a padrões de beleza e postura como das princesas, que são idealizadas como belas e recatadas.

O artigo veicula ideologias e valores conservadores em relação à mulher, dessa maneira, podemos verificar que há a preferência de tratar a figura feminina sob uma visão de submissão ao marido e de que a mulher deve preocupar-se com o corpo e com as roupas que veste para ser vista como recatada e do lar, diferente de uma parcela da sociedade que trabalha, é profissional e ainda cuida de afazeres domésticos.

A estrutura composicional do artigo foi feita por meio de um estilo que utiliza um recurso linguístico paralelístico e circular, visto que, no primeiro parágrafo, inicia-se com o enunciado “Marcela Temer é uma mulher de sorte” e finaliza com “Michel Temer é um homem de sorte”. Assim, por meio da estrutura “A é B” e da inversão em A dos nomes Marcela Temer e Michel Temer há um jogo de sentidos em que veicula a ideia de que o casal teve sorte na escolha e, portanto, ambos são felizes.

Veicula-se também a ideia de que Michel Temer é de um marido atencioso e preocupado com o bem-estar de sua família, e a revista revela isso por meio de um tom expressivo que marca subjetividade, como quando enuncia que Michel “mergulha num outro mundo” ao falar com Marcela.

Podemos notar que, ao longo do artigo, a vida do casal é exposta como perfeita mesmo diante dos problemas políticos do país, sugerindo a ideia de que Michel é o vice-presidente ideal para o país, uma vez que a edição da revista busca contextualizar o momento de *Impeachment* no Brasil.

A expressão “A Mar do Mi” é destacada, ao lado do artigo, construindo o efeito de sentido de posse, ou seja, de que a Marcela é do Michel e, por ser uma

construção que, no plano sonoro, aproxima-se do verbo amar, tem-se a ideia de “Amar do Mi”.

Os discursos veiculados mostram, portanto, uma visão conservadora da mulher, evoca a postura machista e patriarcal que ainda permeia a sociedade brasileira e, ainda, confronta com os ideais feministas, que lutam para eliminar essa visão de que a mulher deve seguir padrões impostos e deve ser submissa ao marido.

A matéria parece retroceder no tempo, pois remete o enunciatário às revistas voltadas ao público feminino na década de 50, que expressavam pontos de vista masculinos sobre como as mulheres deveriam agir. Essas revistas tratavam sobre temas variados e, entre eles, na maioria das vezes, o relacionamento dos casais e a obrigação das mulheres em manter o casamento próspero e feliz. Nesse contexto, foram criados estereótipos de que a dona de casa deveria ser feliz e estar sempre arrumada e maquiada.

É importante lembrar que, naquela época, as revistas transmitiam mensagens persuasivas que tinham o objetivo de alienar milhares de mulheres, fazendo com que toda uma geração fosse influenciada.

De acordo com essas publicações, a felicidade no casamento se baseava na forma com que as mulheres se comportavam dentro e fora do espaço doméstico. Sendo assim, era “responsabilidade” delas a estabilidade e harmonia da família.

Enuncia-se, nesse discurso, de que Marcela Temer é a representação da mulher ideal aos olhos de uma sociedade machista: sempre coadjuvante, à sombra do marido e submissa, ocupando o seu tempo em salões de beleza e estética para ficar bonita e representando com ele o papel de “família perfeita” assim como acredita-se que toda mulher deve ser.

Logo após a publicação do artigo, foi lançada uma campanha virtual em que várias mulheres postaram fotos fazendo atividades que não eram consideradas voltadas ao público feminino, como frequentar bares, executar trabalhos considerados masculinos, em poses sensuais, com roupas curtas. Todas essas postagens eram acompanhadas da chamada *hashtag*: “bela, recatada e do lar”, uma forma irônica encontrada para mostrar que não existe o “lugar certo” ou

TORNAR-SE MULHER OU SER BELA, RECATADA E DO LAR? Uma análise discursiva
uma maneira certa para uma mulher agir. A seguir, algumas manifestações nas redes sociais na semana da publicação do artigo:

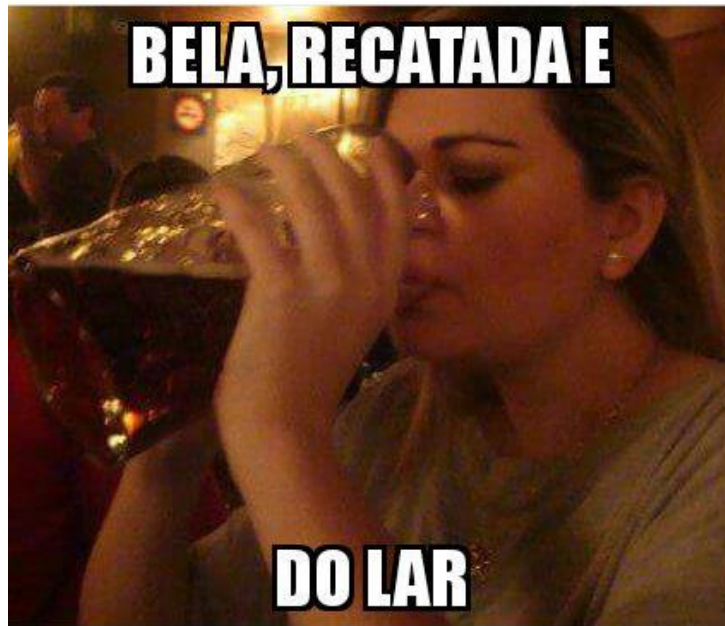
Figura 3 – Meme⁶ Madame Curie



Fonte: *Veja*, 2017, online.

⁶ Jargão que surgiu na internet para identificação de imagens que tem um tom humorístico.

Figura 4 - Meme de internauta



Fonte: *Veja*, 2017, online.

Figura 5 – Releitura em forma de meme do quadro Bacante William Adolphe Bouguereau

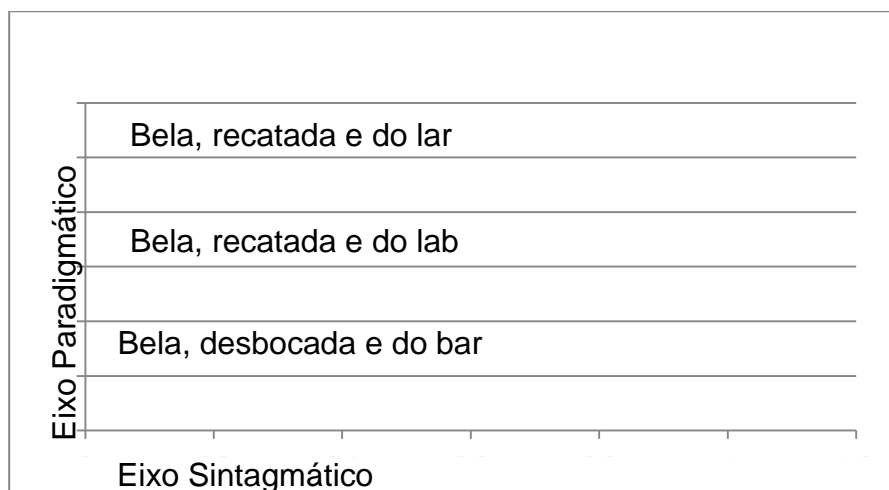


Fonte: *Veja*, 2017, online.

Nas imagens apresentadas, há a retratação de uma realidade oposta aos discursos veiculados por *Veja*. Notamos que os diversos comentários contrários buscam desvincular a ideologia patriarcal sobre a mulher, evidenciando, assim, o diálogo entre os diversos enunciados.

As construções linguísticas mantêm o ritmo e a sonoridade do título do artigo “Bela, recatada e do lar”. Podemos analisar as semelhanças e alterações realizadas por meio dos eixos paradigmático e sintagmático, sendo as escolhas linguísticas selecionadas no eixo paradigmático para trazer novos sentidos na relação entre os termos no eixo sintagmático.

Gráfico 1 – Eixos paradigmático e sintagmático



Fonte: Elaborado pelos autores

No Gráfico 1, é possível analisar que as construções e escolhas linguísticas feitas seguem, em quase todas, a estrutura de rimas (-ada e -ar) mantendo a sonoridade e ritmo do enunciado de origem “Bela, recatada e do lar”. Analisamos que o Bela introduz e manteve-se em todos outros enunciados, mas as escolhas que acompanham o termo evocam ironia e humor em relação ao posicionamento da revista.

Juntamente com o discurso visual, descontruindo a imagem de mulher postulada pela Revista, os discursos verbo-visuais apresentados nas figuras dão um tom humorístico crítico e, muitas vezes, configurando a concepção de que a atitude responsiva ativa do enunciatário é reflexo, mas também é refração, isto é, há uma

nova interpretação da realidade que mobiliza outros valores sociais, axiologias e ideologias.

A Figura 3 retrata a figura de Madame Curie, uma mulher à frente de seu tempo. Foi uma cientista polonesa que, junto a seu marido Pierre Curie, descobriram e isolaram os elementos químicos: polônio e rádio. Curie representa um marco das vitórias femininas em um período em que o estudo era voltado apenas ao sexo masculino, contribuiu em muito para a ciência e foi a primeira mulher a ganhar o Prêmio Nobel de Física. Após sua morte, foi a segunda mulher a ser enterrada no Panteão em Paris, no entanto, a primeira a ser enterrada por méritos próprios.

A crítica nessa imagem se dá por apresentar uma mulher contrária ao que é postulado pela matéria da revista, uma mulher que se dedicou à pesquisa e fez história sendo conhecida como a maior cientista de todos os tempos.

Na Figura 4, a substituição do termo “lar” por “bar” provoca um tom expressivo irônico, por promover uma ruptura com o padrão conservador de que “bar” não é lugar para mulheres. A mídia sempre destacou que o papel da primeira dama é ser responsável pelo cardápio, decoração e mobília da residência oficial e devoção à maternidade, mas os Memes foram criados para mostrar que essa imagem da mulher não é a mesma na contemporaneidade.

A imagem de uma mulher com um copo de cerveja na mão desconstrói, sem imposição de padrão, anos de estereótipos impostos pela sociedade. O fato de a atividade de ingerir álcool em bares, que é identificada ainda nos dias de hoje como mais masculina, estar sendo executado por uma mulher, remete à sua “fuga” do Lar, que é o ambiente que ela deve frequentar de acordo com os ideais de uma sociedade patriarcal.

Já na Figura 5, há uma releitura da obra Bacante de William Adolphe Bouguereau por meio do enunciado “Bela, desbocada e do bar”, tendo em vista que, no quadro, a mulher está com um jarro e um copo na mão, remetendo à ideia de que a mulher está bebendo. Notamos, assim, como os discursos adquirem novos sentidos de acordo com o contexto em que estão inseridos. Ainda, o quadro é do ano de 1894, e o título “Bacantes” tem o sentido de depravada, licenciosa que faz culto a Baco, deus da mitologia romana e considerado o deus das festividades e dos excessos humanos. Sendo assim, a imagem também contrapõe-se aos valores associados à mulher quanto à recato e ser “do lar”.

TORNAR-SE MULHER OU SER BELA, RECATADA E DO LAR? Uma análise discursiva

Além disso, o termo recatada é substituído por desbocada, termo este que contrapõe a ideia de recato, que prevê resguardo e prudência, evocando a crítica de que a mulher pode falar o que acredita ser coerente, independente da ideia de ser ou não cuidadosa com as palavras, tendo em vista que, sob uma visão conservadora, a mulher é vista com uma postura delicada e prudente.

Figura 6 - Imagem simulando capa da Veja



Fonte: *Veja*, 2017, online.

Na Figura 6, a imagem de uma suposta capa da *Veja* do ano de 1816, revela que o discurso veiculado pela Revista, em 2016, remete a ideologias e valores de sociedades remotas, que colocavam a mulher em uma posição de extrema submissão e desvalorização. Assim, ironiza e satiriza a postura da Revista em relação à mulher que, diferente do que foi postulado no artigo, busca muito mais

FALEIROS, I. E. H.; FORNEL, L. M.; REZENDE, V.; CAMPOS-TOSCANO, A.L.F. que ser “bela, recatada e do lar”, pois luta por erradicar essa visão da figura feminina na sociedade.

A revista *Veja*, diante das publicações dos internautas, publicou em seu *site* uma nota comentando sobre a repercussão do artigo veiculado.

A reportagem “Bela, Recatada e do Lar”, publicada na edição extra de VEJA sobre a votação do impeachment na Câmara, e que traça um perfil de Marcela Temer, mulher do vice-presidente Michel Temer, viralizou na internet. O título se tornou hashtag no Twitter, rendeu página no Instagram e foi incorporado desde terça-feira a incontáveis memes. Há quem considere que a reportagem endossa o modo de vida de Marcela Temer, e é machista. Outros leram a ironia. E outros ainda simplesmente aproveitaram o título para fazer humor. A interpretação é livre. Esta página reproduz os memes mais engraçados (VEJA, 2016, online).

Notamos que, apesar da repercussão negativa, a Revista não se mostra preocupada com a questão de veicular discursos machistas, pois, como comenta, diz ser uma ironia. Ainda, apresenta que a interpretação é livre e assim inerente a ideologias, cabendo ao leitor interpretar, a partir de sua visão.

Diante das imagens apresentadas, é possível analisar as diversas refrações da realidade e ideologias que permeiam a sociedade, desvinculando a ideia que a revista propõe de que Marcela Temer é o melhor exemplo de mulher para o Brasil. Além disso, os embates ideológicos são evidenciados ao analisarmos a veiculação de um discurso considerado conservador e as diversas manifestações contrárias ao posicionamento da Revista.

6 Considerações finais

Neste trabalho, ao analisarmos a questão sobre o discurso de Simone de Beauvoir presente no ENEM de 2015, verificamos que a não aceitação de parte da sociedade é marcada pela presença constante do patriarcalismo, por não ser favorável à luta feminista proposta pela filósofa.

Além disso, verificamos que no embate ideológico entre os valores patriarcais e feministas há a ação de forças centrípetas e centrífugas que desconfiguram o plurilinguismo da realidade, centralizado pelas ideias conservadoras que são mais aceitas por parte da sociedade.

Dessa forma, o fato de uma avaliação nacional tratar sobre a luta feminista sofreu críticas por parte daqueles que acreditam ser um meio de doutrinação. Contudo, aqueles que entendem a importância das lutas feministas, comemoraram essa avaliação pois, mesmo sendo considerado um assunto polêmico, é importante para a mudança de paradigmas sobre a identidade feminina.

Pela concepção de Bakhtin, podemos afirmar que há reflexos e refrações da realidade, uma vez essa questão do ENEM sofreu diferentes interpretações e posicionamentos. Verificamos, ainda, que o deslocamento da esfera filosófica para a esfera avaliativa incomoda, por propor a reflexão do estudante sobre a realidade posta.

Entendemos também que, como todo enunciado se relaciona ao contexto sócio-histórico-cultural, a questão apresentada no ENEM é dialógica e apresenta o desejo de legitimidade da luta feminina ao tentar fazer com que o estudante perceba a atemporalidade dos pensamentos de Simone de Beauvoir.

Em relação às ideias feministas e aos estudos sobre os gêneros do discurso, analisamos também o artigo publicado pela revista *Veja* em abril de 2016 intitulado “Bela, recatada e do lar”, o qual trata da figura de Marcela Temer, apresentando seu dia-a-dia e suas qualidades, a fim de evocar a exemplar postura da futura primeira-dama.

No artigo, inserido na esfera jornalística, notamos que, mais uma vez, o discurso patriarcal e conservador é exaltado a fim de apresentar Marcela Temer como um modelo a ser seguido pela sociedade por contemplar as ideias estereotipadas de ser “bela, recatada e do lar”, termos estes que, ao longo do texto, são reiterados a fim de reforçar a postura da vice primeira-dama.

Sendo assim, entendemos que há a desvalorização dos ideais feministas que propõem a liberdade das mulheres em relação às suas escolhas dentro da sociedade, tendo em vista que a grande maioria das brasileiras não possuem oportunidades semelhantes à de Marcela Temer, como poder cuidar da sua estética, do filho e do lar, pois precisam ir ao mercado de trabalho em busca de oportunidades, mesmo que, muitas vezes, não seja a sua real escolha.

As ideologias e os valores veiculados pela Revista remetem a ideias patriarcais e estereótipos em relação à maneira como a mulher deve se comportar

na sociedade, tendo em vista que a visão de “bela, recatada e do lar” se dá pelo fato de Marcela Temer cuidar da sua beleza, usar roupas com comprimento abaixo do joelho e em tons claros e ainda ter disponibilidade para cuidar do marido e dos filhos.

O artigo é constituído por meio de enunciados que valorizam Marcela e sua posição de primeira-dama, por meio da escolha de uma estrutura paralelística e circular, pois se inicia comentando que Marcela é uma mulher de sorte e, após discorrer sobre toda a vida pessoal dela e do marido, finaliza-se dizendo que Michel é um homem de sorte, sugerindo que o casal é feliz e perfeito e, como num conto de fadas, os dois vivem felizes para sempre.

Verificamos que a repercussão do artigo nas redes sociais gerou críticas por meio de enunciados verbais e não-verbais que marcavam a valorização da mulher do jeito que ela é e não por padrões conservadores que a revista propôs. Os enunciados seguiram a mesma construção composicional do título do texto, a fim de ironizar e criticar as ideias veiculadas.

Dessa maneira, notamos que os internautas hoje têm a possibilidade de expressarem seus posicionamentos favoráveis ou não ao que leem, assim valorizando a ideia da pluralidade de refrações da realidade, não permitindo que discursos que limitam e excluem camadas da sociedade sejam vangloriados.

As imagens em resposta ao artigo evocam aos ideais propostos pelo feminismo de valorizar a mulher pelo que ela é, sem influências da sociedade, como ao tratar de Madame Curie, única mulher que ganhou o Prêmio Nobel de Física em um momento que apenas homens eram valorizados.

Ao analisarmos o artigo e os demais enunciados, verificamos a relação dialógica, os diferentes olhares para a situação e oposições ideológicas diversas.

A revista *Veja*, em resposta às publicações, divulgou uma nota mostrando que se tratava de ironia e que cada leitor poderia ter sua interpretação.

Dessa maneira, a revista não assumiu que propôs ideias machistas, informando ainda ser um texto com discurso irônico, o que pode ser contestado, tendo em vista que é evidenciada a valorização de Marcela Temer como exemplo de mulher desde o título do artigo, assim como no decorrer do artigo.

Diante disso, compreendemos que ainda há em nossa sociedade valores e ideologias que desvalorizam a mulher e impõem posturas e

TORNAR-SE MULHER OU SER BELA, RECATADA E DO LAR? Uma análise discursiva

comportamentos machistas e patriarcais. Ainda, a sociedade se divide, pois ao tratar da luta feminista em uma avaliação nacional, considerado um avanço para os ideais feministas, houve discordâncias, assim como, ao se referir à figura feminina sob uma visão conservadora, também houve contestações.

Além disso, na perspectiva do Círculo de Bakhtin, foi possível verificarmos as relações dialógicas entre os enunciados inseridos no contexto sócio-histórico-cultural de luta feminista, evidenciando, assim, que a mulher ainda busca e luta por seus direitos e por igualdade.

Compreendemos, portanto, que o discurso apresentado no artigo da Revista é permeado pelo pensamento conservador e, mesmo que este ainda tenha forte presença no Brasil, provocou posicionamentos ideológicos contrários de leitores.

“Bela, recatada e do lar”. Ou do lab? Ou desbocada? Ou do bar? Enunciados que ganharam força e mostraram a pluralidade de ser mulher, isentos de padrões pré-estabelecidos, revelando a linguagem intrinsecamente relacionada à vida, pulsante de ideologias e de valores sociais.

Referências

ALVES, Maria Marcelita P. A primeira feminista das américas: as marcas da ousadia e da repressão nas cartas de Sor Filotea de la Cruz e de Sor Juana Inés de la Cruz. In: GUILARDI-LUCENA, Maria Inês (Org). *Representações do feminino*. Campinas: Átomo, 2003, p. 15-20.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In:_____. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.261-306.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud. 10.ed. São Paulo: Annablume, 2002.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Círculo do Livro, 1949, v.1.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Unicamp, 2014.

BRAIT, Beth. Estilo. In:_____. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005, p.79-102.

_____. Enunciado/ enunciado concreto/ enunciação. In: _____ (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005, p.61-77.

FOLHA DE SÃO PAULO. *36,3% dos homens e 13% das mulheres consomem bebida alcoólica, diz IBGE*. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/12/1560149-363-dos-homens-e-13-das-mulheres-consumem-bebida-alcoolica-diz-ibge.shtml>>. Acesso em 3 jul. de 2017.

CASTRO, Maria Helena Guimarães de. *Enem: uma avaliação inovadora*. INEP: 24 jun. 1999. Disponível em <http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/enem-uma-avaliacao-inovadora/21206>. Acesso em 31 jul. de 2017

CONFORTIN, Helena. Discurso e gênero: a mulher em foco. In: GUILARDI-LUCENA, Maria Inês (Org). *Representações do feminino*. Campinas: Átomo, 2003, p. 107-123.

DISCINI, Norma. Contribuição para uma estilística discursiva. In: PAULA, Luciane; STAFUZZA, Grêmisa (Orgs.). *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Campinas: Mercado de Letras, 2010, p.115-148.

ENEM. *Exame Nacional do Ensino Médio 2015 1º dia*. INEP, Caderno azul, 2015. p.15.

FARACO, Carlos Alberto. A ideologia no/do Círculo de Bakhtin. In: PAULA, Luciane; STAFUZZA, Grêmisa (Orgs.). *Círculo de Bakhtin: pensamento interacional*. Campinas: Mercado de Letras, 2013. p.67-182.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar, 2003.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 161-192.

GAZETA DO POVO. *O ódio a Simone de Beauvoir no Enem é uma prova de que ela está certa*. 03 nov. 2015. Disponível em <<http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/caixa-zero/o-odio-a-simone-de-beauvoir-no-enem-e-uma-prova-de-que-ela-esta-certa/>>. Acesso em 31 jul. 2017.

INEP. *O que é o Enem*. 2015. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/enem>>. Acesso em 25 jul. de 2017.

LINHARES, Juliana. *Bela, recatada e do lar*. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>>. Acesso em 31 mar. de 2017.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 151-166.

MARCHEZAN, Renata Coelho. Diálogo. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 115-129.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 200, p. 168-176.

ORSINI, Maria Stella. Histórias sonhadas, história perdida. In: GUILARDI-LUCENA, Maria Inês (Org.). *Representações do feminino*. Campinas: Átomo, 2003, p. 81-91.

PIRES, Vera Lúcia. A identidade do sujeito feminino: uma leitura das desigualdades. In: GUILARDI-LUCENA, Maria Inês (Org.). *Representações do feminino*. Campinas: Atómo, 2003, p. 201-213.

SGARBIERI, Astrid Nilsoon. A mulher brasileira: representações na mídia. In: GUILARDI-LUCENA, Maria Inês (Org.). *Representações do feminino*. Campinas: Átomo, 2003, p. 125-140.

VEJA. *#belarecatadaedolar: os memes sobre a reportagem de Veja*. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/tecnologia/belarecatadaedolar-os-memes-sobre-a-reportagem-de-veja/>>. Acesso em 31. Mar. 2017.

VOLOSHINOV, V.N; BAKHTIN, M.M. *Discurso na vida e na arte: sobre a poética sociológica*. Tradução para uso didático por Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza. [s.d].